



SEMANA
NACIONAL DA
FAMÍLIA 2026

SEMANA NACIONAL DA FAMÍLIA 2026

Tema nacional: “Família, torna-te aquilo que és!”

Lema: “O amor jamais acabará” (1Cor 13,8a)

Eixo pastoral paroquial: “Família: peregrina da esperança, sinal do Amor de Deus”

**Paróquia Sagrado Coração de Jesus - Brooklin
Diocese de Santo Amaro - São Paulo**

**QUINTA-FEIRA - 13 DE AGOSTO DE 2026 - 20h
VIÚVOS E VIÚVAS: A ESPERANÇA QUE CONSOLA**

Deus caminha com quem sofre a ausência

Motivação da Semana Nacional da Família 2026

A Semana Nacional da Família 2026, promovida pela Comissão Nacional da Pastoral Familiar, organismo ligado à Comissão Episcopal para a Vida e a Família da CNBB, convida as comunidades do Brasil a retomarem o apelo de São João Paulo II: **“Família, torna-te aquilo que és!”**. O lema **“O amor jamais acabará” (1Cor 13,8a)** ilumina toda a caminhada. Em sintonia com a 30ª edição do subsídio Hora da Família, a Igreja celebra também os 45 anos da Exortação Apostólica Familiaris Consortio e os 10 anos da Exortação Apostólica Amoris Laetitia. A proposta não é idealizar a vida familiar, mas ajudar cada família a redescobrir sua identidade, sua vocação e sua missão como **comunidade de vida e de amor**, Igreja doméstica e presença evangelizadora no mundo.

Nesta noite, o lema nacional encontra uma expressão especialmente profunda: **“O amor jamais acabará”**. A morte encerra a convivência matrimonial neste mundo, mas não destrói a história de amor, a gratidão, os frutos da vida partilhada nem a comunhão que entregamos à misericórdia de Deus. A viuvez é uma experiência de perda, mas também pode tornar-se **caminho de fé, serviço e esperança**.

Texto-base para a reflexão

*“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá.”
(Jo 11,25)*

A morte de um esposo ou de uma esposa não significa apenas a ausência de uma pessoa. Ela **altera toda uma forma de viver**. A cadeira fica vazia, a casa parece diferente, as pequenas decisões precisam ser tomadas sem a companhia de antes. Objetos, músicas, fotografias, datas e lugares despertam lembranças. Em alguns dias, a saudade chega suavemente; em outros, parece retirar todas as forças.

O luto não é falta de fé. É uma expressão do amor e da perda. Jesus também chorou diante do túmulo de Lázaro. Embora conhecesse o poder da ressurreição, não desprezou as lágrimas de Marta e Maria. A fé cristã não exige que a pessoa esconda sua dor; oferece-lhe **uma esperança capaz de atravessar a dor**.

O lema “O amor jamais acabará” não significa que a morte seja pequena ou que a saudade desapareça. Significa que **o amor verdadeiro encontra em Deus sua purificação e seu destino**. Cremos que Cristo venceu a morte e que aqueles que morreram unidos a Ele são chamados à vida eterna.

A morte encerra o vínculo matrimonial tal como é vivido nesta vida. Contudo, **não apaga a história construída**, os filhos gerados, os sacrifícios, as alegrias, as reconciliações e os frutos do amor conjugal. Tudo aquilo que foi verdadeiramente vivido pode ser **recolhido com gratidão e entregue a Deus**.

Cada pessoa vive o luto de maneira diferente. Algumas choram com facilidade; outras permanecem em silêncio. Algumas precisam falar

repetidamente sobre o falecido; outras necessitam de tempo antes de conseguir pronunciar seu nome. **Não existe um calendário rígido para a saudade.** É preciso respeitar o ritmo de cada pessoa, sem pressioná-la a “superar” rapidamente aquilo que marcou toda a sua vida.

Ao mesmo tempo, é importante observar quando a dor se torna isolamento prolongado, desespero, abandono de si ou impossibilidade de realizar as tarefas básicas da vida. Nesses casos, além do acompanhamento espiritual e familiar, pode ser necessária ajuda psicológica ou médica. **Buscar ajuda não diminui a fé;** é um modo de cuidar da vida que Deus confiou a nós.

A comunidade cristã **não pode estar presente apenas no velório e na Missa de sétimo dia.** Depois das cerimônias, quando as visitas diminuem e os demais retomam suas atividades, a solidão pode tornar-se mais intensa. Um telefonema, uma visita, um convite para a Missa, um café ou a lembrança de uma data importante podem ser **gestos profundamente consoladores.**

A viuvez não representa o fim da missão. Viúvos e viúvas carregam uma **experiência humana e espiritual preciosa.** Conhecem a fidelidade, o cuidado, a perda, a perseverança e a esperança. Podem oferecer grande contribuição na acolhida de enlutados, na visita aos enfermos, na oração, na catequese, na caridade e no acompanhamento das famílias.

A história de Rute mostra uma mulher atravessada pela perda que não se fecha em si mesma. Sua fidelidade abre caminhos inesperados. Também hoje, Deus não pede que se esqueça o passado, mas que se permita ao amor vivido tornar-se gratidão e fecundidade. **Recomeçar não significa apagar quem partiu;** significa continuar vivendo diante de Deus.

Alguns viúvos e viúvas sentem culpa quando voltam a sorrir, viajar, participar de uma festa ou iniciar uma atividade nova. **A alegria não é uma traição à pessoa falecida.** Retomar a vida pode ser uma forma de honrar o amor recebido. A memória mais fiel não é a imobilidade, mas a capacidade de **transformar a história vivida em bondade, serviço e esperança.**

A oração pelos falecidos é uma expressão de fé na comunhão dos santos e na misericórdia de Deus. Ao rezarmos, não tentamos reter quem

partiu, mas **o entregamos ao Senhor**. A Eucaristia, as intenções de Missa e a oração pessoal sustentam nosso vínculo de caridade e esperança.

Ao acendermos uma vela nesta noite, cada chama recordará um nome, uma história, uma família e um amor. A luz não nega a escuridão da ausência; proclama que **Cristo é mais forte do que a morte**. Nossos falecidos não são esquecidos e **nossos enlutados não devem permanecer sozinhos**.

Aos viúvos e viúvas de nossa comunidade, queremos dizer: **sua história não terminou. Sua presença é importante**. Sua oração, experiência e testemunho continuam fecundando a Igreja. A família se torna aquilo que é também quando cuida de seus membros enlutados e reconhece neles uma vocação de amor, intercessão e serviço.

“O amor jamais acabará.” **Em Cristo, o amor não é vencido pelo túmulo**. Um dia, toda lágrima será enxugada e a comunhão encontrará sua plenitude no Reino de Deus. Até esse dia, caminhamos com **saudade, fé e esperança**, sustentando-nos mutuamente.

Momento de homenagem e oração

Convidam-se os viúvos e viúvas a acenderem uma vela em memória de seus cônjuges falecidos. Após cada vela ser acesa, pode-se guardar um breve silêncio e proclamar:

Senhor Jesus, luz que não se apaga, recebei em vossa misericórdia aqueles que amamos e que partiram antes de nós. Consolai seus esposos e esposas, fortalecei seus filhos e familiares e fazei que nossa comunidade seja presença fiel junto aos que sofrem. Que **a saudade se transforme em gratidão, a solidão em comunhão e a dor em esperança**. Maria, Senhora das Dores, ensinaí-nos a permanecer de pé junto à cruz e a confiar na Ressurreição. Amém.

Fontes principais

- Comissão Nacional da Pastoral Familiar/CNBB, Hora da Família 2026, 30ª edição.
- São João Paulo II, Exortação Apostólica Familiaris Consortio.
- Papa Francisco, Exortação Apostólica Amoris Laetitia.
- Catecismo da Igreja Católica, nn. 988-1060 e 1680-1690.
- Bíblia Sagrada: Jo 11,17-27; 1Ts 4,13-18; Lc 7,11-17; Rt 1.